

O vestir e os conflitos femininos na obra de Clarice Lispector: o caso do chapéu da rapariga

*Dress and female conflicts in Clarice Lispector's
work: the case of the girl's hat*

Solange R. Mezabarba¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5079-2996>

[**resumo**] O conto de Clarice Lispector *Devaneios e embriaguez de uma rapariga* é tomado como estudo de caso, no qual um chapéu, como elemento da prática de vestir, é o motivo da epifania da personagem central. Cansada da vida que leva por causa das suas obrigações domésticas, a protagonista se vê desafiada pelo chapéu de uma jovem que encontra em uma tasca. O conto é exemplar para discutir questões da vida feminina no Brasil da década de 1950, revisitando a vida e a obra da escritora à luz do pensamento de Julian Pitt-Rivers. Este autor discute as categorias honra e vergonha, conectando-as ao julgamento moral das mulheres das camadas médias na sociedade andaluza. Assim, o texto a seguir procura refletir sobre a condição feminina das camadas médias no Brasil e o chapéu como objeto que dialoga com essas inquietações. O chapéu como corolário de posição social incomoda a personagem de Lispector. Somente a resiliência ante as obrigações normatizadas como práticas femininas nos segmentos médios poderá livrar aquela mulher da humilhação provocada pelo chapéu da outra.

[**palavras-chave**] **Clarice Lispector. Chapéu. Epifania. Mulheres das classes médias. Honra e vergonha.**

[**abstract**] Clarice Lispector's short-story *Devaneios e embriaguez de uma rapariga* [*Daydreams and drunkenness of a girl*] is the center of this case study. In the story, a hat, as an element of the practice of dressing, is the reason for the central character's epiphany. Tired of the life she carries on due to her domestic duties, the protagonist finds herself defied by a young lady's hat she meets in a tavern. The story is a good example to lead us to discuss issues of female life in Brazil during the 1950s, revisiting the writer's life and work under the light of Julian Pitt-Rivers' thinking. This author addresses the categories of honor and shame, connecting them to the moral judgment of middle-class women in the Andalusian society. Thus, the following text seeks to reflect on the female condition in the middle class, as well as the hat as an object capable of dialoguing with these concerns. The hat as a corollary of social position bothers Lispector's character, therefore only resilience to those obligations standardized as female practices in the middle segments can rid that woman of the humiliation provoked by the hat.

[**keywords**] Clarice Lispector. Hat. Epiphany. Women from middle classes. Honor and shame.

Recebido em: 04-12-2019

Aprovado em: 20-01-2020

¹ Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Professora da Faculdade de Moda do Senai Cetiqt. E-mail: solange_riva@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0192046886850391>.

Introdução

Há algum tempo, venho elaborando reflexões sobre o *vestir*. Essa perspectiva de análise das roupas e seus usos foi formulada por Eicher (2000), uma antropóloga que desloca o pensamento sobre moda-vestuário da seguinte maneira: de substantivos (roupas, vestuário, vestes) para verbo. Ou seja, Eicher logra integrar o campo analítico da cultura material relacionada ao termo *vestuário* com a ideia de performance envolvida nas práticas cotidianas, alargando o campo de reflexões sobre a moda-vestuário para o *vestir* (SILVANO; MEZABARBA, 2019). Ou seja, a discussão sobre moda-vestuário abrange, para além da roupa, qualquer aparato que influencie a performance cotidiana por meio da aparência.

Antes de Eicher, Goffman (1985) trabalhou com a ideia de performance desenvolvendo o conceito de “apresentação de si” e o zelo pela reputação ante a expectativa do “outro” pela abordagem dramaturgic. Em outras palavras, com essa perspectiva analítica, cuja premissa é desenvolvida a partir das interações cotidianas, o autor destaca que o zelo pela reputação é a atitude que dirige o modo como o indivíduo decide se apresentar publicamente. Essa ideia de reputação permeia a questão que pretendo desenvolver aqui, trabalhando com a biografia e a obra da escritora brasileira Clarice Lispector, mais especificamente com um conto publicado no livro *Laços de família*, lançado em 1960, intitulado *Devaneio e embriaguez de uma rapariga*. Este é um texto que sugere uma discussão acerca do comportamento normativo prescrito para as mulheres das camadas médias e o *vestir* como parte da expectativa relacionada com os códigos de honra e vergonha. Essas representações, na narrativa do conto, estão reunidas no chapéu, objeto a ser problematizado, provocando, ainda, uma reflexão acerca das diferenças sociais então marcadas pelo adorno. Não é intenção, porém, concentrar-me na moda, e mais especificamente no chapéu como valor de classe social, mas compreender os valores sociais então reconhecidos na peça pelas lentes da personagem criada por Lispector.

Não é razoável, no entanto, perder de vista que a escritora se coloca em sua obra e se torna a imagem dessa mulher de classe média tal como descrita por Julian Pitt-Rivers (COL; SHRYOCK, 2017) em etnografia realizada na Espanha para a sua tese de doutorado defendida em 1953. Este, por acaso, de acordo com Moser (2011), é o mesmo ano em que Clarice termina de escrever os contos publicados, sete anos mais tarde, em *Laços de família*.

Organizo este texto da seguinte maneira: logo após esta introdução, trarei o meu eixo teórico reflexivo apresentando as conclusões de Pitt-Rivers sobre as categorias honra e vergonha. Em seguida, farei uma contextualização da vida e da obra de Lispector, destacando o livro *Laços de família*. Na sequência, trabalharei em uma rápida resenha do conto escolhido para análise na qual tratarei do enfoque dado ao chapéu. O objetivo é destacar os aspectos sobre a aparência e a apresentação de si, em especial, a discussão sobre o chapéu como peça distintiva e as representações sinalizadas no conto. Por fim, eu me esforçarei para sintetizar a análise acerca do feminino e da moda-vestuário como elementos definidores do comportamento socialmente esperado da mulher brasileira dos segmentos médios, especialmente na década de 1950 (época em que o conto foi escrito). Reconheço esses aspectos como exemplarmente destacados no conto de Clarice Lispector, tendo como catalisador da epifania da personagem que nos conduz a uma reflexão do papel feminino, o chapéu.

Honra e vergonha: Clarice e (é) a protagonista

Pitt-Rivers (COL; SHRYOCK, 2017) problematiza as categorias honra e vergonha definindo a valorização da honra na sociedade andaluza como uma preocupação diretamente relacionada com a reputação. Alguém honrado recebe a contrapartida da boa reputação, ou seja, os benefícios sociais que se desenrolam nas relações cotidianas. Por outro lado, a desonra ou “falta de vergonha”, sentimento oposto, destrói reputações e, conseqüentemente, os benefícios sociais que as acompanham. Ou seja, a sociedade expõe o indivíduo dito “desonrado” à humilhação pública. A honra de um homem ou de uma mulher, segue Pitt-Rivers (COL; SHRYOCK, 2017), é, no entanto, caracterizada por diferentes condutas. Atitudes que se traduzem como honra feminina nem sempre são coincidentes com aquelas que honram um indivíduo do gênero masculino. A honra feminina estaria, entre outras atitudes, relacionada com a sexualidade, ou melhor, com as atitudes e a apresentação pública que dissimulam os desejos e as eventuais condutas sexualizadas das mulheres. Já a honra masculina estaria relacionada com a autoridade exercida no seio da família, em consonância, portanto, com a ideia de uma sociedade patriarcal. Essas concepções teriam sua correspondência nos papéis que cada um deve exercer na sociedade investigada. O desempenho desses papéis da forma como é esperado pela sociedade andaluza confere aos indivíduos o bônus da honra e todos os seus benefícios. A honra feminina é, no entanto, algo a consolidar o respeito pela família. A desonra, por outro lado, macula definitivamente o núcleo familiar, contagiando outros membros – diferentemente, portanto, da honra masculina. Pitt-Rivers identifica esses aspectos como uma construção assentada sobre a moral católica.

Os valores e julgamentos públicos, porém, não se atêm aos gêneros, mas variam de acordo com a posição ocupada pelo indivíduo na estrutura social da região andaluza. Pitt-Rivers observou que as mulheres designadas “plebeias”, ou as que estão socialmente posicionadas na base da pirâmide socioeconômica, estão envolvidas com o controle financeiro da família. Em geral, casadas com homens que exercem trabalho braçal, elas contribuem com o seu trabalho (remunerado) para a administração doméstica. Isto lhes garante um controle social mais afrouxado. Mulheres “aristocratas” também não são os alvos centrais do controle social, pois dispõem de recursos e histórias capazes de blindá-las do risco da humilhação pública. Assim, a mulher de classe média é, segundo Pitt-Rivers, a mais exposta ao controle social, o que, inversamente, garante ao homem desse mesmo segmento maiores liberdades morais. Isto se deve ao fato de que a mulher de classe média tem menos importância na produção de recursos financeiros para a administração doméstica e ainda arca com a responsabilidade das tarefas do lar. Em geral, casadas com burocratas, é o grupo que menos desfruta de liberdade de ação, não só no que se refere ao exercício da sua sexualidade, mas também aos costumes, como a ingestão de bebida alcoólica e o consumo de tabaco, pois o grupo está, afinal, mais exposto ao julgamento público.

Pensando nas matrizes culturais que influenciaram a construção da ideia de honra feminina no Brasil, a etnografia de Pitt-Rivers (COL; SHRYOCK, 2017) nos revela algo sobre

essa gênese, especialmente no que se refere à moral católica e à estrutura patriarcal da sociedade brasileira. A figura de Clarice Lispector, nesse contexto, parece exemplar para inspirar reflexões sobre os padrões de honra feminina no Brasil das décadas de 1950 e 1960. Por sua trajetória de vida, Lispector, embora tenha assumido o papel a ela designado de esposa e mãe, parece desconfortável nele. Essa angústia está reproduzida em muitas das suas personagens femininas, e, em especial, naquelas que protagonizam os contos de *Laços de família*. Iannace observa que “as personagens femininas de Clarice em certa medida assemelham-se às de Tchekhov, visto que muitas delas sonham com a liberdade à margem da relação conjugal” (IANNACE, 2001, p. 27). Já Gotlib, biógrafa da escritora, assim nos apresenta Clarice: “a própria palavra constrói a busca de uma identidade” (GOTLIB, 1995, p. 15), levando-nos a crer que, para compreender a escritora, é preciso entender a mulher. A escritora e sua obra foram e são fartamente analisadas do ponto de vista literário, psicológico e sociológico – especialmente no que se refere à condição feminina que se impõe nos escritos de Lispector.

Dentro dessa perspectiva, é importante destacar o trabalho de Lispector na imprensa feminina a partir da década de 1950. Nunes (2006 e 2008) reuniu nas obras *Correio feminino* e *Só para mulheres* diversos textos das colunas que Clarice escrevia ou sob pseudônimo (Teresa Quadros/Helen Palmer), ou como *ghost writer* da modelo Ilka Soares. A moda e a aparência eram temas recorrentes nesses textos, bem como uma pedagogia do comportamento feminino enquadrado em um modelo de honra e vergonha que muito se parece com as observações de Pitt-Rivers sobre a sociedade andaluza. Títulos como *Deve a mulher trabalhar?*, *Estar na moda requer dinheiro?*, *O que preferem os homens?* são assinados por uma Clarice que aconselha mulheres de um dado segmento social – leitoras de periódicos jornalísticos dedicados à educação emocional. Ou seja, uma mídia pedagógica (MEZABARBA, 2012) que opera como referência de registro do que seria o comportamento “correto” seja nas relações afetivas, seja no modo como devem apresentar-se publicamente. Nunes (2006), no prefácio de *Correio feminino*, afirma que esses textos destacam as virtudes do comportamento feminino esperado então, ancorado, sobretudo, no tripé beleza, elegância e inteligência. Ela sintetiza o que Clarice, assinando com pseudônimos ou como *ghost writer* de Ilka Soares, redigia em uma imprensa local dirigida ao público feminino, na qual consolidava as expectativas do que deveria ser o papel feminino de então:

Bonita é a mulher que é feliz, enfatiza constantemente a colunista. Elegante é aquela que escolhe a discrição e valoriza os detalhes. Inteligente é a mulher que não se submete aos caprichos da moda. Atributos esses que devem ser cultivados para sedução ‘diária e constante’ do homem amado, pois, como a própria colunista argumenta, ‘precisamos deles para completar a nossa felicidade’. (NUNES, 2006, p. 10)

Buitoni (2009) examina esses discursos na imprensa feminina brasileira em uma perspectiva diacrônica, recordando que o papel social feminino, bem como sua participação política, é indissociável do conteúdo que se publica dirigido à mulher. A autora observa alguns traços que se mantiveram nas colunas ou nos veículos que se dirigem à mulher brasileira,

sugerindo a separação entre a “mulher ideal” (no papel, ou a “mulher de papel” como está em seu título) e a realidade. Buitoni (2009) pergunta-se: quem é essa mulher retratada pela imprensa especializada em conteúdo para mulheres? Os temas que se mantiveram ativos, segundo destaca a autora, são moda, beleza, culinária, decoração, comportamento, celebridades etc. Denominados “conteúdos frios” porque podem ser publicados em qualquer tempo, a autora recorda que somente temas relacionados com a moda são conteúdos que podem ser considerados “quentes” ou da atualidade. Clarice, portanto, em seus textos publicados na mídia de massa, não foge do padrão reconhecido por Buitoni (2009) com o tom e o conteúdo dirigido às mulheres. São os contos de Clarice, no entanto, que produzem uma inquietação que não pode estar presente nos jornais e nas colunas dirigidos ao público feminino. Se o texto literário se diferencia do texto jornalístico por seus conflitos dramáticos, a escrita de Clarice nos jornais nos mostra uma mulher resignada e disposta a disseminar as boas práticas femininas para um público específico, enquanto suas personagens operam na chave da reflexividade (GIDDENS, 2002).

O conto *Devaneio e embriaguez de uma rapariga*, que me proponho a analisar neste texto, instiga-nos a uma reflexão sobre essa mulher por meio dos itens de vestuário lá descritos. O enfoque está voltado para a narradora, uma mulher portuguesa que conta a história em primeira pessoa. Franco Júnior (2003) nos alerta que o narrador não deve ser confundido com o autor do texto. O que se observa, porém, ao confrontarmos a biografia de Clarice com algumas de suas personagens (a narradora do conto escolhido, por exemplo), é uma postura que Lévi-Strauss (2003) chamou de obliquação. Nodari (2019) é quem faz a relação entre o que Lévi-Strauss problematiza como uma prática do etnógrafo ao se colocar, ele mesmo, também como objeto, e a proposta literária de um personagem ser tomado pela própria reflexividade do autor. Nodari identifica nos textos de Lispector o que ele descreve como “encavalgamento pronominal” (NODARI, 2019, p. 2)², ou seja, uma relação transversal, o que, para o autor, seria a terceira margem entre o eu e o outro. Essa análise de Nodari (2019) de um grupo de obras literárias (entre elas, algumas de Lispector) é que sinaliza para a presença da própria Clarice na subjetividade de algumas de suas protagonistas, reforçando a percepção de Gotlib (1995) sobre sua amiga biografada e suas obras.

Clarice e os laços de família

Segato e Coqueiro (2012) identificam como característica dos contos de Clarice um momento de “epifania”³. Essa epifania quase sempre se dá com a tomada de consciência de

² O autor observa: “Partindo de um trecho de *Água viva*, de Clarice Lispector (1998, p. 63) – “Estou percebendo uma realidade enviesada. Vista por um corte oblíquo” –, bem como do particular encavalgamento pronominal presente na sua escritura em formulações como *A vida se me é e Eu não sou tu, mas mim és tu* (LISPECTOR, 1997, p. 115, 85), sugeri chamar de obliquação um movimento complexo de desdobramento subjetivo e das posições enunciativas, cuja face mais visível se apresenta quando o sujeito, sem deixar completamente de sê-lo, ocupa também a posição de objeto” (NODARI, 2019, p. 2).

³ Etimologia de epifania: do grego, *epi* (sobre) e *phaino* (aparecer, brilhar). No sentido bíblico, tomar para si a ideia de revelação divina (SEGATO; COQUEIRO, 2012, p. 108).

uma mulher que se vê “desconfortável” em seu papel de coadjuvante na família, exercendo as funções de esposa e mãe, deixando de lado seu protagonismo e sua individualidade. Esse pode ser o ponto de partida para reconhecer a mulher Clarice nas personagens femininas dos contos de *Laços de família* – alguém que, sendo uma mulher com alguma desenvoltura em uma sociedade patriarcal no Brasil dos anos 1950, sentia-se impelida a desempenhar um papel no qual ela mesma não acreditava. Moser (2011), biógrafo da escritora, menciona, por exemplo, questões de Clarice em relação ao casamento e o pânico revelado por algo que estava programado para ser “para sempre”. Em uma passagem do seu livro, o biógrafo recorda o momento em que Clarice Lispector foi apresentada aos chicles. Sua irmã mais velha ofereceu a bala dizendo que poderia durar para sempre. Pensar em algo “para sempre” lhe afligia, mesmo sendo um doce⁴.

A formação do seu gosto pela leitura coincide com o que Miceli (1979) descreveu como o crescimento do mercado editorial e a formação de um novo público leitor que se interessava, em especial, pelos chamados “gêneros menores”, ou seja, livros policiais, de aventuras, e, claro, romances. Mas foi também um período em que o nível da escolaridade feminina crescia, empurrado pelo substancial aumento do número de escolas e faculdades, além do surgimento de uma nova divisão de trabalho, na qual a mulher ganhava espaço em carreiras profissionais, principalmente as ligadas ao magistério e à pedagogia (MICELI, 1979). Clarice cursou a faculdade de Direito, estudou inglês e se tornou jornalista graças a uma oportunidade surgida logo após a morte do seu pai, já na década de 1940.

Casou-se com um diplomata e se tornou, mais do que nunca, uma coadjuvante nas decisões da família. Tendo morado em diferentes países, em suas vindas ao Brasil, Clarice se envolveu em tentativas de se estabelecer escrevendo para jornais e revistas, mas sempre se viu às voltas com o trabalho do marido e suas mudanças para o exterior, o que desencadeava nela conflitos domésticos e introspectivos. Foi enfrentando uma dessas crises que escreveu *Laços de família*.

A mulher Clarice, no entanto, enfrentou o dilema e, em 1959, ela se separou do marido e retornou definitivamente ao Brasil. Escolheu o bairro do Leme, na Zona Sul do Rio de Janeiro, para morar com os filhos. Começou a escrever a coluna para o jornal *Correio da Manhã* sob o pseudônimo de Helen Palmer. Era um espaço dedicado às mulheres com o sugestivo título de *Correio feminino – Feira de utilidades*.

As personagens de *Laços de família*, diferentemente do que, ao fim, ocorreu com Lispector, mostram-se incapazes de interferir no seu destino, ou, para usar um termo de Goffman (1985), nas expectativas depositadas em suas vidas e, tal como a própria escritora se

⁴ No conto *Amor*, também publicado em *Laços de família*, o momento da epifania da personagem Ana se dá quando ela, de dentro do bonde no qual estava, avista um cego mascando chicles. A partir daí, Ana toma consciência da vida que leva e pensa no seu casamento e na sua relação com a família (marido e filhos). A metáfora do chicle certamente tem relação com esse pânico ao pensar em um estilo de vida que duraria “para sempre”. Barbosa e Moraes (2007/2008) interpretam a epifania da personagem Ana como um momento de tomada de consciência da automação. Ao discorrer sobre o incômodo com o cego que masca chicles, a personagem estaria, portanto, entrando em um doloroso processo de desautomação.

posicionava⁵, elas parecem conscientes de que nada mudariam. Ou seja, apesar do desconforto, as personagens terminam por se adaptar ao estilo de vida que as aflige, mesmo depois de sua epifania, ou seja, no momento em que tomam consciência de que há algo errado. A comparação entre o que escreve Clarice sob pseudônimo para colunas femininas em jornais e os seus contos é inevitável. Sob pseudônimo, ela escreve em consonância com a educação emocional direcionada às mulheres do seu tempo. Em seus contos, assinados como Clarice Lispector⁶, a escritora desenvolve suas angústias e seus questionamentos em relação ao contexto da vida social das mulheres dos segmentos médios do seu tempo – como ela própria⁷.

As atitudes e a apresentação de si das protagonistas, conforme descreve Clarice, oferecem pistas para refletir sobre os pontos de vista de Goffman (1985) – no que se refere ao zelo pela reputação e às expectativas do público –, bem como de Pitt-Rivers (COL; SHRYOCK, 2017) acerca da construção social de uma apresentação pública que dê conta de estabelecer com a sociedade uma conexão positiva quanto ao julgamento moral da sua honra.

O livro *Laços de família* tem como tema comum nos contos ali publicados, como não poderia deixar de ser, os laços de família como uma relação estabelecida e inevitável. Ou seja, a família, no caso brasileiro, especialmente, nas camadas médias urbanas em um Brasil da década de 1950, exerce forte poder regulador do comportamento individual. Mulheres que são mães e esposas têm sua centralidade social no domínio da casa (DAMATTA, 1997; FREYRE, 2003 e 2003)⁸ por meio das narrativas que se desdobram nos acordos tácitos com as suas famílias, mas, ao mesmo tempo, estão inseridas nessa ordem familiar que lhes é, em alguma medida, desconfortável. Há, no entanto, eventos externos que abalam as convicções das personagens, ora fragilmente sedimentadas, levando as protagonistas a uma situação limítrofe entre a educação emocional e o que seriam consideradas reações fora dos padrões normativos. Como destacam Segato e Coqueiro (2012), esses são os instantes em que as personagens são tomadas pela epifania. As famílias criadas por Clarice e, mais ainda, as mulheres, como indivíduos no grupo social formado pelas famílias, podem ser observadas como elementos de um processo social descrito por Simmel (MORAES FILHO, 1983) como objeto da Sociologia. Elas poderiam funcionar como objeto de estudo para se analisar alguns processos sociais, entre eles, a posição feminina diante do dilema de viver uma vida de esposa prescrita pelos valores morais e critérios de felicidade vigentes, como descreve Pitt-Rivers

⁵ Em entrevista à TV Cultura (1977), Clarice Lispector é questionada sobre os motivos da escrita. Ela responde que não tem a expectativa de mudar nada, mas precisa “desabrochar”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1l2EVnU>.

⁶ Logo após o lançamento do seu primeiro livro, em 1942 (*Perto do coração selvagem*), houve quem achasse que Clarice Lispector se tratasse de um pseudônimo (MOSER, 2011).

⁷ Clarice, ao fim, rompe com essa expectativa quando se separa definitivamente do marido diplomata. Essa separação, no entanto, revela-se um ato complexo no curso de sua vida, quando terá que afrontar valores estabelecidos moralmente na sociedade em que vive (MOSER, 2011; GOTLIB, 1995).

⁸ O trabalho de DaMatta, mais especificamente, contrapõe a casa e a rua como categorias, interpretadas pelo autor como entidades morais e de valores diversos. Esse trabalho, por sua vez, toma como referência as obras de Gilberto Freyre. Nelas, especialmente em *Casa grande & senzala* (2003) e em *Sobrados e mucambos* (2003), Freyre discorre sobre a casa como espaço predominantemente feminino ocupado por mulheres respeitáveis e suas famílias, enquanto a rua, território mundano, é habitado por homens ou mulheres de pouco respeito.

(COL; SHRYOCK, 2017) sobre a sociedade andaluza na década de 1950, ou o inconformismo diante de tudo isto. Para Simmel, “não é impossível que as forças das quais resulta a coesão da sociedade tenham necessidade de mudança para guardar toda a sua ação sobre as consciências. [...] Se um evento exterior então vier a abalá-lo (um estado social determinado), a unidade social corre o risco de ser arrebatada num só golpe” (MORAES FILHO, 1983). Assim, as mulheres de Clarice, abaladas por eventos exteriores que desencadeiam uma reflexão, encontram-se emocionalmente fragilizadas. Entendendo que não podem arcar com a ruptura daquele modelo de família, essas mulheres buscam alternativas de sobrevivência, ou então são levadas a um desequilíbrio psíquico, como uma espécie de surto.

Muitas das personagens de Clarice (notadamente algumas do livro *Laços de família*) são, portanto, mulheres com atividades ligadas ao ambiente doméstico. No conto analisado, percebe-se na protagonista o desejo interno de subverter essa ordem, que parece mesmo um fato inerente à vida da mulher dos segmentos médios de então. No entanto, ela, a mulher, é capturada pelo aprendizado sobre o ideal de felicidade feminina ligada ao sucesso como mãe e esposa, ou uma espécie de “felicidade doméstica”, exatamente quando se aventura pelo ambiente da rua e se depara com o artefato que irá lhe provocar a epifania – um chapéu.

Devaneio e embriaguez de uma rapariga

O conto, intitulado *Devaneio e embriaguez de uma rapariga*, narra a história de uma portuguesa no Brasil entediada com a sua vida doméstica. Em um dia de calor no Rio de Janeiro, o tédio causado pela vida que leva como mãe, esposa e dona de casa se instala. Ela então acorda e decide não fazer mais nada daquilo que está prescrito em sua vida rotineira, “o homem lá que se regalasse com as sobras do almoço” (LISPECTOR, 1998, p. 10) pensava. Negligenciados os afazeres domésticos, a moça se entrega à lassidão em sua cama. O marido a encontra e interpreta sua indolência como enfermidade. Mas, o que ele nem desconfia, é que é uma patologia que parece vir da transgressão, e não de um distúrbio físico qualquer.

Um fato novo resgata a “rapariga” do rompante de enfado doméstico: um encontro de negócios em que ela é convidada a acompanhar o marido. Ela foi vestida da seguinte forma: “Com vestidito novo que se não era cheio d’efeites era de pano superior, desses que lhe iam durar pela vida afora” (LISPECTOR, 1998, p. 12). Um vestido, portanto, descrito como de forma e modelo simples, porém costurado em um tecido resistente, de grande durabilidade, algo que se mostra com uma classificação de boa qualidade. A forma diminutiva como se refere ao vestido (“vestidito”) sinaliza para algo singelo.

Na tasca onde jantavam, incomoda-se com a presença de uma mulher que usava chapéu – “Que rico chapéu que tinha!” (LISPECTOR, 1998, p. 15). O chapéu, em contraponto com o vestido da protagonista, se vê adornado e rico! Clarice não descreve por completo o vestir da outra, mas, dada a sequência da narrativa, presume-se que ela se vestia com menos simplicidade do que a descrição do vestido da protagonista, com destaque inequívoco para o chapéu.

Pitt-Rivers (PERISTIANY, *s.d.*) observa que a cabeça é a parte do corpo na qual cabem as demonstrações de honra e respeito, reveladas, muitas vezes, em adornos e coberturas, exatamente como o chapéu da antagonista no conto de Lispector. Já a condição de adorno

do chapéu em questão, para Simmel (2008), pode ser um meio de transformar a força e a dignidade sociais em perceptível proeminência pessoal. O chapéu, elemento de proteção de uma parte “nobre” do corpo, a cabeça, na virada do século XX, encontra na moda um conceito que o mantém como peça-chave para a apresentação de si. Delius (2000) recorda que a peça pode reunir diversos significados, desde a religiosidade até a posição social, a nacionalidade e mesmo o pertencimento político. Crane elenca o chapéu como um dos acessórios que, no século XIX, “constituíam símbolos poderosos de identidade masculina, [e] foram igualmente incorporados pelas mulheres durante esse período” (CRANE, 2006, p. 206)⁹. O acessório, no século XXI, pode ser interpretado como um ícone exótico ou um objeto no qual significados são disputados, como bem analisa Couto (2018). A autora se concentra nos chapéus-panamá usados por homens no Rio de Janeiro e explora seus significados, sinalizando para um uso eventual relacionado com uma ligação significativa e ontológica entre o usuário e o objeto. Em outra chave analítica, poderia equivaler ao que Barthes (2005) problematiza como relação de casualidade, na qual o significado revela uma ligação entre as propriedades físicas do objeto e aquilo que se consolida como relação significativa, levando ao uso coletivo da roupa ou do acessório. Cruz (2015), em um esforço de resgatar a história e os usos dos chapéus, encontra na literatura registros de usos ainda no período neolítico (4000 a.C.) verificados em pinturas de cavernas. A pesquisadora, no entanto, admite que não há uma história precisa sobre a origem dos chapéus, apenas indícios de que eles sempre foram usados como proteção física e simbólica da cabeça, ou, concordando com Delius (2000), para assinalar estados sociais, tais como religião, posição na estrutura política e/ou social e posição profissional.

A protagonista de *Lispector*, sem que houvesse uma consciência exata das implicações daquele chapéu, mostra-se incomodada e até invejosa daquela aparência, especificamente centrada no uso do acessório. Ela então desdenha da outra: “E vai ver que, com todos os seus chapéus, não passava de uma vendeira d’hortaliça a se fazer passar por grande dama” (LISPECTOR, 1998, p. 15). Tomada da inveja provocada pelo chapéu, a moça faz conjecturas de modo a aplacar o sentimento de humilhação. A inveja da protagonista não é no sentido vebleniano (1980), que instiga a potência para o consumo, mas como sentimento despertado por uma posição de existência a lhe fustigar a honra, tal como na percepção de Pitt-Rivers (COL; SHRYOCK, 2017), afinal, apesar da atmosfera agonística, ela não cogita imitar a moça do chapéu. Ao leitor, porém, Clarice sinaliza uma demonstração de que o chapéu representava uma posição social, e, portanto, incorporava valores e crenças que desafiavam a protagonista a buscar uma saída honrosa daquele embate usando elementos dos quais

⁹ Na Inglaterra, especialmente no século XIX, consolida-se a imagem do homem branco capitalista (terno, gravata e cartola marcam essa imagem). Crane (2006) argumenta que as mulheres, em um esforço de enviar uma “mensagem silenciosa” na busca por igualdade social (sobretudo no mundo do trabalho), vão aos poucos incorporando itens reconhecidamente masculinos em seus guarda-roupas. Isto ocorre com as gravatas, o casaco, as camisas e o chapéu (um modelo de chapéu que se aproximava da cartola dos capitalistas ingleses).

dispunha. Aparentemente, um chapéu como aquele não poderia adornar a cabeça de uma “vendedora de hortaliça”, e, na percepção da protagonista, o objeto poderia escamotear uma posição na estrutura socioeconômica. Esse é o ponto da leitura no qual fica notório que aquele não é um adorno qualquer, mas algo fora do alcance da protagonista.

O chapéu se estabelece como um instrumento de luta da outra, ainda que de forma inconsciente, evidenciando na protagonista o fetiche provocado por aquele objeto. A interpretação do chapéu como fetiche se dá em consonância com as questões de Latour (2002) sobre a fetichização como crença depositada em um objeto, dentro de uma perspectiva moderna. Para esse autor, ainda que desprezemos as adorações aos objetos em sociedades tradicionais, reproduzimos o mesmo comportamento nas sociedades modernas em relação a certos objetos. No conto, o chapéu, pivô de uma provocação não verbalizada, se destaca como algo desejado por valorizar socialmente quem o porta. O fetiche moderno concentra suas crenças, que não são muito diferentes daquelas observadas nas sociedades tradicionais, revelando uma eficácia simbólica com a qual o leitor se envolve no curso da ação narrada no conto. O chapéu não se mostra como um acessório superficial, mas, apoiada em Miller (2013), é possível afirmar que o objeto revela a mulher que o porta como pessoa. Assim, o olhar da protagonista não é apenas para a mulher que usa o chapéu, ou apenas para o chapéu, pois o objeto lhe provoca o olhar para uma figura cujo adorno se torna uma parte integrante dela mesma. O chapéu, como sinédoque de pessoa, revela-se na figura da mulher observada. Por isso, ao examinar o corpo magro da antagonista, a rapariga parece encontrar o ponto-chave para interpretar aquela figura, ao fim, como alguém que, a despeito do chapéu, não dispõe das características que lhe dariam um lugar de honra no panteão feminino daquela sociedade. Ou seja, a protagonista parece encontrar uma dissonância naquela figura feminina que usa um chapéu.

Assim, se em um primeiro momento, à protagonista parecia restar-lhe a humilhação de ter saído à tasca sem um chapéu – “[...] e a cabeça agora parecia-lhe nua” (LISPECTOR, 1998, p. 15) –, ao notar que a moça possuía a cintura fina, concluiu que a dona do chapéu não estaria apta a parir, ter filhos, formar uma família. Esse dado revelaria a inconsistência daquela pessoa e do seu lugar no mundo. Nesse caso, apesar da sua cabeça nua, ela vencera. A rapariga, ao fim, pode ser mãe e esposa, o que, para ela, lhe valorizava a condição feminina. Ou seja, o motivo do enfado inicial agora era interpretado como um caro valor social, sobretudo uma condição de honra em consonância com aquilo o que se espera dela. O chapéu lhe despertou para esse valor, que seria, naquela reflexão, algo a afrontar o rico adorno da antagonista. A protagonista retorna à casa, finalmente, certa de haver vencido aquele embeate. Sua honra se coloca acima daquela aparência, em especial daquela moça que portava um acessório que ela não tinha. Para celebrar aquela vitória, qual seja, a consciência do seu valor moral relacionado com a sua condição “privilegiada” de esposa e mãe, “aquela casa havia de ver: dar-lhe-ia um esfregaço com água e sabão que lhe arrancariam as sujidades todas!” (LISPECTOR, 1998, p. 18). A faxina, trabalho desempenhado no espaço doméstico, não remunerado e naturalizado como tarefa feminina que oferece sua mão de obra como uma relação de dádiva (MAUSS, 2003), faria a personagem retomar triunfante o seu papel habitual. A faxina aqui, como tarefa da mulher em uma divisão de trabalho no âmbito da casa,

se coaduna com o ideal feminino esperado daquele grupo social àquela época. A decisão sinaliza para a resignação ou, mais ainda, para a consciência de que ela, em sua ontologia, encontra-se no lugar correto, gozando os benefícios do papel que desempenha em conformidade com a expectativa social depositada nela, e isto pode ter o ônus do desempenho de um trabalho não remunerado no espaço doméstico. Porém, os atributos daquele estilo de vida, ela parece concluir, convergiam para o valor social que lhe interessava.

Considerações finais: chapéu, honra, vergonha e epifania no texto de Lispector

Ao propor esta análise do vestir (EICHER, 2000) na obra de Clarice Lispector, trazendo o chapéu especificamente descrito no conto *Devaneio e embriaguez de uma rapariga* como objeto, desejei discutir esse adorno como um veículo para discorrer sobre a condição feminina na obra da escritora, retratando um momento específico do Brasil da década de 1950.

Comportamentos normativos prescritos especialmente pela mídia e pela produção cultural de determinadas sociedades tornam-se condições de honra. Desafiar as prescrições significa ousar e arcar com as consequências sociais do desvio. Há determinados grupos de mulheres que estão mais expostos do que outros ao julgamento público. Nesse sentido, os escritos de Lispector na imprensa feminina, especialmente os conselhos sobre comportamento e sobre o vestir, reafirmam a construção da honra da mulher leitora das colunas femininas. Há nos periódicos uma pedagogia das boas práticas femininas. Em outras palavras, o comportamento esperado de uma mulher estava registrado por colunistas nas revistas dirigidas ao público feminino, evidenciando ainda mais o que é norma e o que é desvio.

Julian Pitt-Rivers (COL; SHRYOCK, 2017) discorre sobre esse perfil de mulher dos segmentos médios na sociedade andaluza e a vê como alvo maior do escrutínio público a respeito de uma moral que deve ser tomada como elemento chave na vida familiar exemplar. Como o autor bem recorda, mulheres das camadas mais pobres, ou das mais ricas, logram esgueirar-se da visibilidade pública tendo seu comportamento moralmente julgado. Ou seja, o julgamento moral guarda estreita relação com um dado segmento da estrutura social, especificamente nas sociedades de formação católica.

A vida pessoal de Clarice Lispector pode bem ser enquadrada nesse modelo. Ela, porém, uma intelectual considerada expoente da literatura brasileira desde o seu primeiro romance – *Perto do coração selvagem*, lançado em 1942 –, consegue ir além das prescrições e se coloca no centro de uma tensão: a vida conforme a educação emocional que deveria permear o seu comportamento e aquele estilo de vida que, ao fim, deseja levar, valorizando sua individualidade. Esse conflito se estende para a sua obra em um processo de obliquação, como descrito por Lévi-Strauss (2003).

A consciência de que pode haver outro estilo de vida que não aquele normativo é o que dá substância à epifania das personagens de Clarice. Essa possibilidade, porém, poderá

ter um custo social bastante alto para as mulheres dos segmentos médios. A personagem aqui analisada escolhe resignar-se ao refletir sobre os benefícios sociais dos quais desfruta. Na vida real, a autora Clarice rompe com o modelo, terminando um “casamento ideal” e enfrentando as consequências sociais advindas de tal atitude. Algumas das personagens de *Laços de família*, no entanto, não o fazem. Talvez seja uma atitude que, à época em que escreveu o conto analisado, tenha lhe parecido razoável e de acordo com a sua posição de esposa de diplomata. Suas personagens, por outro lado, se conscientizam do estilo de vida que têm por meio de uma epifania. No conto *Devaneio e embriaguez de uma rapariga*, um chapéu desencadeia a reflexão da protagonista. Quais representações traria o chapéu dentro do esquema social vigente no qual a mulher dos segmentos médios deveria se comportar como em um acordo tácito, em que seriam socialmente beneficiadas (ou punidas caso rompessem com esse acordo)?

O chapéu tem eficácia simbólica dentro de um esquema social em que, fetichizado, como problematiza Latour (2002), desperta na protagonista o sentimento de humilhação, como se a sua posição estivesse ameaçada. É quando ela se dá conta dos benefícios sociais que lhe são garantidos justamente por seguir um comportamento feminino dentro das expectativas sociais que se lhe apresentam. É digno de nota que a personagem está sob efeito da embriaguez – como diz o título. Vale a pena, portanto, recordar que as mulheres andaluzas dos segmentos médios analisadas por Pitt-Rivers (COL; SHRYOCK, 2017) também são negativamente julgadas quando mantêm uma relação com a bebida alcoólica. A personagem de Clarice, no entanto, está “protegida”, pois se encontra na companhia do marido, e isto é destacado no conto. O marido aqui é revelado como a figura forte, protetora, capaz de neutralizar o julgamento moral pela ingestão de bebida alcoólica em público. Ter um marido, portanto, é um capital simbólico fundamental para determinado segmento de mulheres. Dado que o conto é da década de 1950, bem como a etnografia de Pitt-Rivers, resta-nos questionar como poderíamos atualizar o conto de Clarice.

De volta ao conto analisado, o chapéu, eivado de significados, interpõe-se entre protagonista e antagonista como elemento comparativo de um estilo de vida. A que se vê afetada por sua condição socioeconômica liberta-se ao entender que leva uma vida honrada de acordo com os padrões da época. O chapéu, ao fim, não é apenas uma parte, mas se caracteriza como sinédoque de um estilo de vida que ele declara, o artefato integra a figura daquela mulher que, por sinal, muito magra, poderia falhar ao ser chamada para assumir seu papel dentro desse esquema social. Cumprindo com aquele elemento da aparência que lhe garante a formação de uma família, a protagonista se resigna. Ou seja, desprovida do chapéu, a personagem criada por Clarice se conforma com o destino que lhe é imposto e, mais, valoriza a posição de mãe, esposa e dona de casa que lhe é designada como valor social inquebrantável e, portanto, algo que deve ser celebrado. Com uma faxina!

Referências

BARBOSA, Vânia M. C.; MORAES, Vera Lúcia A. de. A linguagem de Clarice Lispector como desautomatização da vida. **Revista de Letras**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, n. 29, v. 1-2, 2007/2008, p. 107-120.

BARTHES, Roland. **Inéditos Vol. 3: imagem e moda**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Roland Barthes)

BUITONI, Dulcília S. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.

COL, Giovanni da; SHRYOCK, Andrew (Edits.). **From hospitality to grace. A Julian Pitt-Rivers omnibus**. Chicago: Hau Books, 2017.

COUTO, Caroline P. O chapéu-panamá nas ruas cariocas: um ensaio sobre seus significados e usos. **Revista Antropolítica**. Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, n. 45, 2. sem. 2018, p. 182-212.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Senac, 2006.

CRUZ, Stéphanie Gomes da. **Os usos e a produção do chapéu em Portugal: uma experiência de mediação patrimonial no Museu da Chapelaria**. 210 f. Dissertação (Mestrado em História e Patrimônio) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto (Portugal), 2015.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELIUS, Bárbara. **Histoire de la mode au XX^e siècle**. Cologne: Druckhaus Locher, 2000.

EICHER, Joanne. The Anthropology of Dress. **Dress**, v. 27, 2000. p. 59-70.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.) **Teoria literária. Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GOTLIB, Nádia B. **Clarice**: uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.
- IANNACE, Ricardo. **A leitora Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001. (Ensaio de Cultura 18)
- LATOURE, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Bauru: EDUSC, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEZABARBA, Solange R. **Vestuário e cidades: ethos, consumo e apresentação de si no Rio de Janeiro e São Paulo**. 2012. 367 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- MICELI, Sérgio de. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.
- MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas. Estudos antropológicos sobre cultura material**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Georg Simmel – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- MOSER, Benjamin. **Clarice**: uma biografia. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NODARI, Alexandre. Alterocupar-se: obliquação e transicionalidade na experiência literária. *In*: **Estud. Lit. Bras. Contemp.** (*on-line*). n. 57, e5715, 2019. Epub June 27, 2019. ISSN 1518-0158. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018573>. Acesso em: 20 Jan. 2020.
- NUNES, Maria A. (Org.). **Correio feminino – Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- NUNES, Maria A. (Org.). **Só para mulheres: conselhos, receitas e segredos – Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- PITT-RIVERS, Julian. Honra e posição social. *In*: PERISTIANY, J. G. **Honra e vergonha. Valores das sociedades mediterrânicas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, *s.d.*

SEGATO, Maiara C.; COQUEIRO, Wilma dos S. Epifania: clímax da narrativa nos contos de Clarice Lispector. **Revista NUPEM**. Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, v. 4, n. 7, ago./dez., 2007/2008, p. 81-84.

SILVANO, Filomena; MEZABARBA, Solange. Encontros entre moda e antropologia: inícios, debates e perspectivas. **Cadernos de Arte e Antropologia** (*on-line*), v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/1869>. Acesso em: 6 out. 2019.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)

Agradecimentos

Registro aqui agradecimento especial aos meus alunos da disciplina Produção do Texto Acadêmico, da Faculdade de Moda do Senai Cetiqt, unidades Barra da Tijuca e Riachuelo, que abraçaram o tema *Clarice Lispector: a moda na literatura brasileira*, durante o 1º semestre de 2019. As reflexões promovidas em sala de aula, sem dúvida, resultaram em contribuições importantes para a construção deste texto.